

3 Revista "Bravo!", set. 2001, 4, n. 48, p. 128.

O exercício de Padre Vieira

Edição bilingüe traz discurso pronunciado em italiano na Academia Real de Roma em 1674, numa contenda oratória típica da época. Por João Angelo Oliva Neto

Na última década, os estudos literários relativos à produção luso-brasileira no século 17 caracterizaram-se mais por trazer a público importantes textos sobre o Barroco e sobre os autores do que por divulgar os próprios textos escritos na época, ou seja, as "fontes". Exceção feita, nos anos 90, aos poemas completos atribuídos a Gregório de Matos, só a partir do ano passado as editoras se lembraram do outro autor essencial do período, o padre Antônio Vieira. A contrabalançar positivamente a tendência pelo ensaio — como já vem ocorrendo com a edição de uma seleta dos sermões pela editora Hedra —, é lançado agora *As Lágrimas de Heráclito* (Editora 34, 208 págs., R\$ 25), em edição bilingüe italiano-português, com fixação de textos, atualização ortográfica, introdução e anotação muito bem realizadas por Sonia Salomão.

Reeditar a versão de Francisco Xavier de Menezes — de 1710, um ano após a publicação do original italiano — é fato notável para estudos de tradução. Coordenadora do Centro Studi Antonio Vieira, em Viterbo, Itália, Salomão apresenta-nos edição quadripartida, pois em apêndice acrescenta, também bilingüe, o discurso *Contro il Riso de Demócrito*, de Girolamo Cattaneo, "adversário" de Vieira num exercício de falas contraditórias ocorrido na Academia Real de Roma em 1674, quando Vieira, aos 61 anos, caído em desgraça perante a Inquisição por sua tolerância com os judeus, se refugiou na Santa Sé para defender-se e trabalhou junto à corte da rainha Cristina, protestante sueca recém-convertida ao catolicismo.

As Lágrimas de Heráclito, que depreciam o riso, e o discurso de Girolamo, que o enaltece, são espetáculos oratórios proferidos no ambiente privado da Academia, cujo tema tinha sido sugerido pela própria rainha, fundadora da Academia Real. Restringindo-nos a Vieira, o discurso na Academia, por mais que suponha réplica, de certo modo é menos agonístico, porque, voltado antes de tudo ao deleite de um público que compartilha sua erudição, reconhece que naquele âmbito político é indiferente a vitória de uma ou outra parte, enquanto os seus conhecidos sermões, por menos que fossem contraditados no púlpito, com pretender instruir persuasivamente ouvintes, decisivos no calor das querelas entre a Igreja e colonos no Brasil, possuíam caráter contencioso, cujo resultado aos interessados era sempre crucial, quando não crucial. Talvez por isso, como atesta em suas cartas, Vieira preferisse deixar o ócio letrado em Roma e voltar ao Brasil, como acabou ocorrendo.

Entretanto, o próprio caráter privado dos discursos da Academia com o conseqüente distanciamento do debate público concreto e sua urgência específica permite distinguir uma parte importan-

te do processo de formação de Vieira e de todo orador tridentino. Sendo a doutrina cristã pacífica e ali impermeável à polêmica, esses discursos, embora fossem posteriores a vários sermões, revelam como era, por assim dizer, o treinamento dialético dos pregadores da Companhia de Jesus, como se servem do repertório dos autores da Antiguidade, e em particular, como repõem em funcionamento a retórica antiga. Permitem-nos perceber o emprego de estratégia persuasiva, vale dizer, de eloquência retórica: e como se flagrássemos Vieira exercitando-se antes de entrar em cena. Assim merecem ser lidos e devem ser avaliados não pela comparação excludente com os sermões, mas como sua instância complementar. Precioso livro, publicação corajosa.



Vieira e, ao lado, capa do livro: lágrimas contra o riso

